

## NOTAS SOBRE A PESQUISA NA COMUNIDADE NEGRA CHÃ

Carla do Espírito Santo Xavier<sup>1</sup>

Orientador: Prof. Dr. Arivaldo de Lima Alves

*Resumo:* O seguinte texto reflete sobre a pesquisa em andamento que tem como objeto de investigação a Identidade étnico-racial da Comunidade Rural Negra Chã, em Teodoro Sampaio – BA. O estudo busca tensionar e problematizar, por meio das memórias orais dos moradores, a construção da identidade étnico-racial, observando continuidades e rupturas pertinentes ao movimento que entrelaça identidade, territorialidade e cultura desse lugar. O texto traz apresentação do contexto de pesquisa, percurso metodológico e, em certa medida, autores que promovem discussões sobre identidade.

*Palavras Chave:* Comunidade. Engenho. Teodoro Sampaio.

### CONTEXTO DE PESQUISA

Este ensaio que é parte da pesquisa para a dissertação do mestrado se fundamenta no processo de construção da identidade étnico-racial da Comunidade Negra Chã é objeto de investigação. Interessei-me em refletir sobre o assunto porque os moradores da comunidade são alvos constantes de discriminação e preconceito de uma parte da população de Teodoro Sampaio – BA, município no qual a comunidade está inserida.

A discriminação e preconceito são imputados, principalmente, pela cor e o lugar de origem. São moradores de uma comunidade rural negra constituída a partir de terras de engenhos de cana de açúcar dos séculos XVIII e XIX pertencentes a família Costa Pinto. Família, na época, representante do patriarcalismo no município baiano de Santo Amaro da Purificação.

Dessa forma o espaço se constitui como elemento de pesquisa na mesma intensidade que a presença dos moradores. A referência sobre a comunidade opera como parte importante na identidade dos moradores, uma vez que, quando acontecem os episódios de discriminação, o lugar aparece como fator determinante dessa ação. Quem discrimina aponta o lugar de origem como principal fator disso.

Diante da situação, reconhecemos a relevância do estudo nessa comunidade que se apresenta de maneira tão singular, a ponto de ser discriminada pelo seu modo de viver, comportamento e história. Então, encapamos a pesquisa que começou em 2009 quando participamos do Projeto Qualificando a Permanência dos Estudantes Cotistas<sup>2</sup> que resultou em

---

<sup>1</sup> Mestranda em Crítica Cultural - UNEB/Campus II, Bolsista FAPESB, E-mail: Carl-abebe@hotmail.com.

<sup>2</sup> Projeto financiado pela SEPRONI e com apoio pedagógico do CEPAlA

um artigo sobre o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira na escola da comunidade; perpassou, também, pela construção do TCC (trabalho de conclusão de curso), no curso de Letras Vernáculas finalizado em 2012 na Universidade do Estado da Bahia, tinha como foco o discurso do corpo das mulheres da Chã.

A atualmente a comunidade apresenta outras matizes passíveis de investigação. Matizes que provocam inquietações e convocam os moradores, de maneira geral, a dizer-se, e a refletir-se na relação com o outro, a fornecer suas memórias individuais que costuradas constroem a história do lugar a partir de seus pontos de vista e do seu lugar de fala ao responderem: de que maneira se constrói a identidade étnicorracial da comunidade da Chã?

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

As sociedades, tecidas na contemporaneidade, têm se apropriado cada vez mais da linguagem para se narrar, expressando suas identidades construídas na relação com o outro e consigo mesmo. Vozes que se entrecruzam e contam histórias, por vezes particulares, específicas de experiências individuais, e outras vezes tão próximas que aparentam ser uma mesma história.

Como as novas configurações sociais têm permitido a contação da história do sujeito a partir das enunciações deles próprios e de sua comunidade de pertencimento, resolvemos enfocar as narrativas orais dos colaboradores da pesquisa para problematizar sobre a construção da identidade étnicorracial da Chã.

Ao tomar essa decisão dedicamo-nos a fazer leituras sobre a história oral enquanto metodologia da pesquisa. Conhecemos suas vertentes e importância lendo “História Oral” e assistindo a entrevista “Memória, História Oral e Diferença” de José Carlos Sebe Bom Meihy e “Tradição Viva” de Hampatê Bá.

A proposta de produzir documentos dialógicos, por meio da mediação de grupos silenciados que tem uma história para contar, encontrou suporte na história oral que não se preocupa com a verdade, mas com a experiência. Não ver o outro como uma resposta pronta, mas com um ser em movimento.

A História Oral, segundo Meihy (2013), é um conjunto de técnicas que propõem um comprometimento entre o mediado e os colaboradores da pesquisa. O cuidado e o comprometimento se dão, principalmente porque mediamos aspectos da vida do outro.

Ao conhecer as várias vertentes de enfoque da história oral, optamos pela história oral de vida; técnica que permite o registro das narrativas orais dos colaboradores ao contar sobre si mesmos. Segundo Pereira (2013), as histórias orais de vida trazem à tona trajetórias pessoais e familiares com conteúdos que revelam trajetórias históricas e socioculturais da coletividade.

Utilizando a técnica da história oral de vida e em posse de um esboço de perguntas lançamo-nos no campo de pesquisa e entrevistamos cerca de 10 moradores entre 20 e 104 anos e mais 5 pessoas que estão envolvidas na comunidade de forma direta. Com algumas gravações conseguimos vislumbrar possibilidades de sumário, uma vez que os depoimentos nos direcionavam para isso.

Percebemos que a identidade étnicorracial da comunidade se constrói a partir de elementos endógenos produzidos por fatores internos e exógenos produzidos por fatores externos. Os aspectos internos se referem a origem e história comum, as relações de parentescos e com a terra; aspectos externos são referentes aos outros que são presenças tênues e constantes nas fronteiras étnicas e territoriais, na interação provocadas pela globalização capitalista.

Os aspectos citados permitiram, pelo menos, a ideia de dois capítulos. O 1º que desenha o panorama histórico da transformação da Chã de terras de engenho à comunidade tradicional; e o 2º que descreve a sobrevivência e o cotidiano ao tensionar a respeito da reinvenção da comunidade a partir das pressões do capitalismo mediados pela globalização.

Até aqui percebemos a comunidade em constante movimento, descartando a ideia de comunidade tradicional com práticas sociais inalterantes e identidades fixas e unificadas.

## **SOBRE OS CONCEITOS DE IDENTIDADE**

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na atualidade. Vários críticos têm apontado para a multiplicidade da identidade, indicando-a como não estática, substantiva, sendo modificada a partir das interações sociais na qual o sujeito está inserido (BAUMAN 2005, ENNE 2010, GOMES 2005, HALL 2006, LIMA 2001, MOITA LOPES 2010, PEREIRA 2013).

De perspectivas teóricas diferentes e com enfoque em objetos de estudos diversificados sobre práticas identitárias, os autores apresentam pontos de intersecção que se configuram na circunstancialidade, no caráter transitório, na perspectiva histórica da construção das identidades dos sujeitos da sociedade contemporânea dominada, também, de “pós-

modernidade” (EAGLETON, 1998), “modernidade tardia” (HALL, 2006) e “sociedade líquido moderna” (BAUMAM, 2003).

A sociedade atual, com qualquer dessas denominações, se caracteriza por modificações societárias impulsionadas e decorrentes do desenvolvimento tecnológico que leva o homem inserido nesse espaço/tempo a viver em rede. Essa configuração tem interferido nas identidades, antes tida como unificadas, fixas; agora fragmentadas, descentradas.

A vivência em rede se constitui pelo processo de globalização que tem neutralizado as diferenças econômicas, e provocado, por outro lado, uma reação em termos das questões culturais, particularmente de identidade. Hall (2006), afirma que a globalização enquanto um complexo de forças de mudança está poderosamente deslocando as identidades culturais nacionais.

O autor utiliza a definição de McGrew para entender o que chamamos de globalização:

a “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (Hall, 2006, 67).

Desse processo advêm algumas consequências sobre as identidades culturais, principalmente o crescimento de uma homogeneização cultural, um reforço das identidades nacionais e locais pela resistência à globalização, a formação de novas identidades.

Segundo o autor, os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas”. À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas (p. 74).

Os “desacertos” das identidades provocados pelo processo de globalização nos convidam a pensar historicamente quem somos nós e a que comunidade pertencemos. Esses questionamentos devem ser considerados, pois acreditamos que são aplicáveis a qualquer indivíduo inseridos nessa sociedade, principalmente a grupos considerados unificados, ou escapes dos fluxos presentes na sociedade contemporânea.

Assim, o estudo sobre a construção da identidade étnicorracial da Chã se estabelece e se ancora no movimento contínuo de rupturas e reinvenções visíveis na sua história e no seu cotidiano, reafirmando o que Hall (2006) nos diz que na pós modernidade a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada constantemente e continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais nos quais estamos imbuídos, ou os quais nos rodeiam.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ENNE, Ana Lúcia S. Redes de Memória e História na Baixada Fluminense. In: *Para Além da Identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História Oral como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom *Memória, História Oral e Diferença*. Entrevista realizada pelo Sesc Memória.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Narrativas de Vida de Idosos: memórias, tradição oral e letramento*. Salvador: EDUNEB, 2013.

